

Industriais preferem Collor

por Fátima Fernandes
de São Paulo

Seja quem for o candidato eleito — Fernando Collor de Mello, do PRN, ou Luiz Inácio Lula da Silva, do PT —, estará nas mãos do Congresso. E nisso que acredita boa parte dos empresários consultados, ontem, por este jornal, embora já tenham praticamente decidido que as idéias de Collor são muito mais afinadas com as suas do que as de Lula.

“Temos a certeza de que o Brasil precisa de mudanças. Só que tanto Collor como Lula terão dificuldades em concretizá-las no primeiro ano de governo”, diz Sérgio Sandermann, diretor-superintendente da Corduroy S.A. Indústrias Têxteis. “Será um ano complicado, de negociações e de muita luta política”, crê.

“Até o final de 1990 não vai mudar nada no País”, concorda Dante Gallian Neto, diretor do grupo Borden, detentor da marca Adria, fabricante de massas. “O Congresso que está

ai ficará por mais um ano”, lembra. “Além disso, o novo presidente, para pôr em prática suas idéias, terá de ser bem aceito pelos membros do Congresso”, ressalta, por sua vez, Lourival Kiçula, vice-diretor de coordenação da área de eletrodomésticos da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee).

E é Collor, na avaliação de muitos empresários, quem reúne as melhores condições de poder executar bem seus planos. “Ele pode compor um melhor ministério que precisa ter pés no chão e estar sintonizado com o que há de novo no mundo. Por exemplo, que veja o neocapitalismo que é praticado na Europa e no Japão e que conseguiu derrubar o muro de Berlim”, acentua Dieter Hering, diretor-presidente da Cia. Hering.

Emerson Kapaz, um dos líderes do Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE), de qualquer forma, afirmou ao repórter Fernando Canzian que ca-

da um dos dois candidatos terá que explicar em profundidade seus programas, ainda assim para obter votos de um ou outro empresário que está indeciso.

“O PT fala em aumento de renda, o que não é compatível com uma economia que está próxima do limite de sua capacidade de produção. Fala em colocar o dinheiro que está no mercado financeiro na produção, em estatização racional, mas não explica como colocar tudo isso em prática”, ressalta Kapaz.

Várias entidades empresariais deverão, nos próximos dias, procurar maior contato com os presidentes possíveis. “Já tivemos reuniões com as equipes econômicas de Collor e Lula. Mas queremos aprofundar isso e levar para eles todo o conhecimento que temos do nosso setor”, diz Gallian Neto, que também ocupa o cargo de vice-presidente da Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação (ABIA).

Os empresários destacam, no entanto, que existe

uma diferença fundamental entre discursos de campanha e a realidade que se impõe ao governante de um país. “E por isso, mesmo que seja Lula, eventualmente, o escolhido no segundo turno, ele certamente sairá do seu atual patamar radical para uma posição conciliatória de um presidente de toda a Nação e não apenas do PT”, afirmou Carlos Eduardo Moreira Ferreira, vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) à editora Márcia Raposo.

“É difícil, de qualquer forma, decidir em quem votar sem conhecer detalhes dos programas econômicos dos candidatos ou partidos”, avalia Ferez Abujamra, vice-presidente do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (CIESP). “Até agora, todas as propostas foram apresentadas de forma superficial. Quando os detalhes começarem a aparecer, muitos indecisos passarão a definir seus votos e apoios”, resume.